

Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • [seer.ufrgs.br/NauLiteraria](http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria)

ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 08 N. 02 • jul/dez 2012

**Dossiê: Literatura Portuguesa – Séculos XIX-XXI**

## Fome! - Carência e voracidade em *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares

Carla Severo Trindade\*

**Resumo:** Análise da representação da fome no romance *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares. A fome se liga a um grupo de personagens do livro, examinados individualmente; a partir daí, procura-se chegar a uma compreensão não apenas das personalidades destes indivíduos, mas do sentido humano da narrativa.

**Palavras-chave:** Carência; esquecimento; fome; *Jerusalém*; voracidade.

**Abstract:** Analysis of the representation of the hunger in the novel *Jerusalem*, by Gonçalo M. Tavares. The hunger binds to a group of characters in the book, examined individually; from there, we seek to reach an understanding not only of the personalities of these individuals, but also about the human meaning of the narrative.

**Keywords:** Need; forgetfulness; hunger; Jerusalem; voracity.

Gonçalo M. Tavares optou por envolver o título de seu romance *Jerusalém* numa espécie de jogo de claro e escuro em que desenredar o nome do livro começa a acender as luzes com relação ao próprio sentido do texto. A palavra *Jerusalém* aparece mencionada, no corpo da obra, uma única vez: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita”. (p.154). Trata-se de referência ao Salmo 136 – em algumas traduções, 137 – da *Bíblia*, em que judeus exilados choram diante do opressor que os exorta a cantar um dos cânticos de Sião: “Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor em terra estranha? Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita se paralise!” (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 768-769). Sem chão, arrastando-se em penúria com fome de terra e apoio para os pés, o povo deportado lamenta sua desditosa falta. Poucos versículos além, no entanto, é a mesma comunidade sofrida que, executando um movimento brusco ao redor da própria dor, transforma a carência em voracidade, em avidez destruidora e vingativa ao clamar pela devastação da Babilônia maldita: “(...) feliz aquele que te retribuir o mal que nos fizeste! Feliz aquele que se apoderar de teus filhinhos, para esmagá-los contra o rochedo!” (idem, p. 769)

A fome atravessa o texto de *Jerusalém*, perpassa a realidade de praticamente todos os personagens, evoluindo de uns para outros numa espécie de gradação, ora no sentido passivo

\* Aluna de graduação do curso de Letras (UFRGS).

da *carência*, ora desejando corroer o mundo inteiro numa *voracidade* animal. Repetida ao longo de inúmeras páginas, veremos que a *fome* de Gonçalo Tavares não é gratuita, mas conduz o leitor a uma compreensão mais ampla não apenas das personalidades dos indivíduos de *Jerusalém*, mas do próprio livro como um todo. Sigamos, então, a visitar os aprisionados do Hospício Georg Rosenberg.

## 1 Os loucos

Os loucos são o grupo humano de *Jerusalém* em que a *fome* aparece de modo mais incipiente, como se fosse uma manifestação esparsa, deslocada, que não se consegue situar com clareza, porque os loucos sentem uma *fome* estranha por coisas estranhas. Entre os doentes, a *fome* se comporta como um outro engaiolado do Hospício, um pássaro que esvoaçasse batendo contra as paredes: poderíamos dizer que, entre os loucos, a *fome* é louca.

Engoli um prego, tenho um prego na garganta.  
Wisliz mostra a garganta. (...)  
Quando era criança comia caracóis. Pegava neles e comia-os. O meu pai não gostava que eu os comesse. Dizia que dava azar. (p. 74)

Ou:

Janika é negra e gosta de fazer comida.  
Gosto de fazer comida, diz Janika.  
Mete tudo o que encontra para uma panela. Pedras, ervas, beatas de cigarro, pequenos papéis.  
Não se pode desperdiçar, diz.  
Janika tem cinquenta anos.  
Passei fome, diz Janika. Não se pode desperdiçar.  
Alguns homens atiram os cigarros e as beatas directamente para o tacho que Janika leva.  
Passei fome. Gosto de fazer comida, diz Janika. (p. 75-76)

E, além de os loucos não dominarem de forma alguma seu impulso de *fome* – “Educados para respeitar os alimentos como se respeitava uma pessoa mais velha, de cabelos brancos e andar vagaroso” (p. 155-156) –, a *carência* ainda é utilizada, de fora, pelo aparelho do Hospício, para estabelecer limites e controlar os internos:

Os alimentos não estavam isolados de uma certa ordem e disciplina que começava no primeiro metro quadrado do hospício e terminava, não apenas nas janelas, mas no que se podia ver das janelas. Até nos olhares através de janelas protegidas havia um sentimento, lançado pelos directores, de calma indispensável, como que dizendo: não olhes de mais, *olha moderadamente*. Como se existisse realmente um limite ao olhar, um gasto no organismo por se estar demasiado tempo a fixar coisas (...). (p. 156)

E é a expressão *um gasto no organismo* que nos leva até nossos próximos escolhidos.

## 2 Kaas e Ernst

Porque, se entre os loucos a *fome* é louca, com Kaas e Ernst é como se a *fome* encarnasse, adquirisse a propriedade de se transformar em carne e sangue. Aí a *fome* transporece no corpo, aparece na imagem quase de egressos de campos de concentração que pai e filho deficientes possuem e que o narrador não cansa de salientar, falando de Kaas: “Uma fraqueza geral, diziam os médicos. Assim: fraqueza geral” (p. 78). “(...) seu modo particular de dar passos nos quais a distribuição do peso parecia desequilibrada (...)” (p. 79). “(...) aquelas pernas magríssimas” (p. 133). “(...) com aqueles passos arrastados por umas pernas absolutamente assustadoras de tão finas (...)” (p. 148).

O texto segue a mesma linha com relação a Ernst, de quem se aponta o andar claudicante, mas cuja dificuldade para pensar, para organizar os próprios pensamentos, é também destacada numa interessante analogia com a comida:

(...) em Ernst ainda não surgira o raciocínio analítico dirigido aos pensamentos, a separação era difícil, impossível mesmo.

Por vezes, quando cortava uma fatia de bolo com uma faca, Ernst Spengler tinha mesmo o pensamento absurdo e satisfeito: consegui separar uma coisa de outra. (p. 185)

Depois de Kaas e Ernst, as pessoas que seguem encontram-se em outro patamar, diferente deles e dos loucos. A partir de agora é como se a *fome* adquirisse uma dimensão de organização e sentido. Com relação a estes indivíduos seria lícito perguntar: “Você tem *fome* de quê?” (TITÃS, 1987). Já é disso, agora, que se trata.

## 3 Mylia

Mylia é o personagem sobre quem se poderia dizer que praticamente fala a linguagem do ventre: ela engravida e tem um filho – Kaas – que, por ser deficiente, é uma expressão de falta. Por outro lado, como Mylia é impedida de conviver com o filho, o nascimento estabelece, na vida da mãe, uma instância de falta. Mylia passará, ainda, por uma intervenção cirúrgica, também no ventre, a partir da qual ela se vê impedida de ter outros filhos. Pior: a operação deixa algo “que se desenvolve de uma maneira errada” (p. 181) no interior do corpo da mulher, o que, de certa forma, naturaliza e torna absoluta a *fome* neste organismo perenemente massacrado pela dor. A *fome*, em Mylia, deseja libertar-se do corpo condenado: ela tem *fome* de permanência, de mais vida:

Ela percebeu, claramente, que ali, junto à igreja, estavam em competição duas dores grandes: a dor que a ia matar, a dor má, assim ela a designou, e, do outro lado, a dor boa, a dor do apetite, dor da vontade de comer, dor que significava estar viva, a dor da existência, diria ela, como se o estômago fosse, naquele momento, ainda em plena noite, a evidente manifestação da humanidade, mas também das suas relações ambíguas com os mistérios de que nada se sabe. Estava viva, e essa

circunstância doía mais, naquele momento, de um modo objectivo e material, do que a dor de que ia morrer, agora secundária. Como se naquele momento fosse mais importante comer um pão do que ser imortal. (p. 15-16)

A tensão do mal que percorre o livro repete-se dentro do corpo de Mylia no conflito entre a dor da vida e a dor da morte. Personagem contida no texto, Mylia, após a cirurgia, contém o texto. Em seu organismo ocorre uma transformação bem delineada nas cogitações de Gomperz:

(...) Primeira Carta aos Coríntios, 15,51: ‘Vou revelar-vos um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados’; o doutor Gomperz, com a sua voz autoritária: Isto é ainda uma terapêutica, uma medicação: ‘e nós seremos transformados’. São Mateus 4,1: ‘Então o espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo Demônio. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. (p. 209)

Depois disso, Mylia sentiu fome. Jesus tentado no deserto – imagem já utilizada por José Saramago n’*O Evangelho segundo Jesus Cristo* – tem seu marco de transformação na *fome* que supera todas as demais contingências, na dor boa que vence a guerra contra a dor da morte, e é o que também acontece com a esposa louca do doutor Busbeck.

#### 4 Theodor

A *fome*, que em Mylia deseja libertar-se do corpo, em Busbeck deseja superar o humano, deseja atravessar uma última barreira, romper um limite ético e moral. O doutor Theodor Busbeck tem *fome* de morte, e não é à toa que daremos com ele, em um de seus primeiros episódios durante a narrativa, conversando com coveiros:

Os coveiros praticavam ofícios laterais ao seu destino, e os gestos ao longe não eram perceptíveis: poderiam estar a cometer um crime ou simplesmente a fazer horas extraordinárias. Às três da manhã teriam mesmo de ser extraordinárias essas horas – pensou Theodor – e, espantado ao ver tanta agitação profissional no cemitério, aproximou-se:  
– Que fazem? Comem mortos? (p. 23)

Quando acompanharmos, páginas adiante, o doutor Busbeck a devorar o drama do arquivo *Europa 02* ou observando as pilhas de cadáveres de judeus numa imagem do período nazista – “Mil corpos cabem nesta fotografia. Mil corpos que não chegaram a entrar no campo de concentração porque morreram antes, de fome” (p. 41) – nos sentiremos justificados em indagar ao bom doutor: *Que faz aí, doutor? Come mortos?* E mais: que faz um doutor comendo mortos? Por que este personagem é um médico? Por que a medicina tem tamanho destaque neste livro negro?

Personagem sinistro da vida real, arquiteto da solução final nazista e administrador da maquinaria de morte de Hitler, Adolf Eichmann, julgado e morto em Jerusalém, em 1961, por seus crimes de guerra, traz a resposta na pessoa de seu advogado defensor, o doutor Servatius:

Servatius declarou o acusado inocente das acusações que o responsabilizavam pela ‘coleção de esqueletos, esterilizações, assassinatos por gás e questões médicas similares’, diante do que o juiz Halevi o interrompeu: ‘Dr. Servatius, presumo que tenha sido um deslize seu afirmar que a execução por gás é uma questão médica’. Ao que Servatius respondeu: ‘Era efetivamente uma questão médica, uma vez que era preparada por médicos; *era uma questão de morte e a morte também é uma questão médica*. (ARENDT, 1999, p. 83)

A assistência do julgamento, que esperava confrontar um monstro tomado pela ânsia demoníaca de perpetrar o mal, depara, em Eichmann, com um funcionário, um burocrata cioso de sua obediência e do bom cumprimento de suas obrigações, o que leva a pensadora Hannah Arendt a tecer considerações sobre o que seria a *banalidade do mal*, e é aqui que as duas *Jerusalém* – a do julgamento de Eichmann, a de Gonçalo Tavares – se cruzam, porque a maneira como o doutor Theodor Busbeck desenvolve e lida com sua fome de morte é burocrática. A pesquisa que Theodor vai desenvolver, numa tentativa de identificar determinantes estatísticos para a ocorrência do mal sobre a Terra é um exercício de burocratização da dor humana. De forma bastante interessante, porém, o narrador informa que a pesquisa de Busbeck, após causar certo *frisson* inicial, cai rapidamente no esquecimento. Ele nos dirá que a obra, agora, no universo de *fome* visceral que é o do romance, compara-se a livros de “receitas gastronômicas já fora dos hábitos das pessoas e que, portanto, eram aquilo que o próprio livreiro designava como ‘livros de outras gerações’” (p. 198).

Se o pensamento de Busbeck é possível, então a culpa é impossível, um julgamento como o de Eichmann é ilegítimo e o réu está plenamente justificado ao sentir-se incompreendido pelo tribunal em Jerusalém, porque não passa de uma engrenagem numa perversidade que a estatística determinou que emergisse. Tais ideias parecem inócuas como *receitas gastronômicas de um outro tempo*? O esquecimento, num caso assim, parece saudável para a humanidade?

## 5 Hinnerk

Se a *fome*, quando se fala em Busbeck, deseja cruzar uma última barreira humana, em Hinnerk ela ultrapassou este limiar e adquire, enfim, o *status* de voracidade. De certo modo, Hinnerk opera uma síntese entre os personagens de Mylia e Theodor, porque ele tem *fome* de vidas que é uma *fome* de morte. Vamos encontrá-lo em casa, enquanto olha crianças de uma escola próxima: “Da janela, com uns pequenos binóculos, observava o pátio da escola e adquirira o hábito de ver as crianças no período de brincadeiras que se seguia ao almoço” (p. 63). Tendo a sua *fome* saciada, eis o momento em que os pequenos estão mais vulneráveis, o instante que oportuniza a aproximação sorrateira do personagem que caminha para a

voracidade, armado, estudando o bote. Mas Hinnerk ainda não chegou lá. Chegará a partir da relação que estabelece com a arma que carrega sempre consigo:

Essa parte da arma não cheirava a homem, cheirava a outra coisa: a metal, um cheiro profundamente intimidatório, um cheiro de que seria impossível dizer: eis algo que abre o apetite! Mas acerca do punho da arma essa frase era possível: porque os restos de cheiro humano, neste caso particular: do cheiro das mãos de Hinnerk, era um cheiro orgânico, comestível. Era, aliás, na enorme diferença de excitações provocadas entre o cheiro neutro e intimidatório do cano da arma e o cheiro convidativo – isso mesmo: convidativo – do punho da pistola, era nessa diferença que Hinnerk percebia algo que o assustava. (p. 87)

Hinnerk compreende “que nenhum alimento até ali o completara. A sua fome repetia-se, estupidamente, dia após dia (...)”. (p. 88) E descobre o que é que pode completá-lo, qual o tipo de alimento capaz de saciar sua *fome estúpida*: “Para as sensações que conseguia perceber, algo, para ele, ganhara força desde há alguns anos: Hinnerk seria capaz de comer carne humana”. (p. 89) Percepção que tratará como um “enriquecimento do desejo”. (p. 89) Na noite de 29 de maio, a noite climática de *Jerusalém*, é com o espírito do canibal que Hinnerk ganha as ruas, assassina Kaas e encontra sua própria morte, superado – o personagem da voracidade – pelo personagem da fome de vida, Mylia. Mylia não mata Hinnerk – e não poderia fazê-lo, porque clama por mais vida – mas é o indivíduo que carregará o peso moral deste triunfo sobre a morte.

## 6 Conclusão

A *fome* queimando as entranhas das pessoas que vagam por *Jerusalém* reproduz uma batalha essencial travada nas almas de todos nós. O homem é o único animal capaz de se humanizar. Esta humanização, porém, dá-se na ponta de uma tensão entre selvageria e civilidade, entre *fome* selvagem e *fome* civilizada. Aludindo ao tema da débil expressão de carência que avança até mudar em devastadora expressão de voracidade, o romance parece ecoar um alerta: *Cuidado! O mal é algo muito mais próximo, muito mais fácil, muito mais banal do que se costuma imaginar*. “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita” (p. 154). Porque é o esquecimento de nossos erros e das verdades fundamentais sobre nós mesmos o que permite que o mal se renove sobre a Terra.

## Referências

- ARENDETT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1999.
- TAVARES, Gonçalo M. *Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. São Paulo: WEA, 1987.